

## A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

Ane Schei\*

**RESUMO:** Este artigo descreve alguns aspectos da colocação pronominal na língua literária brasileira do século XIX. Essa colocação é depois comparada com a do português brasileiro de hoje e com a do português europeu do século XIX. Verifica-se que a colocação pronominal na literatura brasileira do século XIX se parece mais com a portuguesa da mesma época do que com a brasileira do fim do século XX.

**Palavras-chave:** colocação pronominal, língua literária, século XIX.

### 1. INTRODUÇÃO

**A** colocação pronominal é um dos fenômenos que mais distinguem o português brasileiro (doravante PB) do português europeu (doravante PE). Já no século XIX algumas das particularidades brasileiras apareceram na literatura no Brasil, o que deu origem a grandes polêmicas, dado que muitos consideravam o PE como norma. O objetivo do presente trabalho é descrever alguns aspectos da colocação pronominal na literatura brasileira do século XIX, detectar as características de hoje que já ocorriam naquela época e comparar o modelo brasileiro com o modelo europeu da mesma época, já que muitas vezes o PE tem sido usado como ponto de referência na discussão sobre a colocação pronominal no PB. Não é possível, dentro dos limites deste trabalho, fazer uma análise completa que abranja todos os aspectos da colocação pronominal, uma vez que a intenção desta pesquisa é

\* Universidade de Estocolmo, Suécia.

abordar apenas os fenômenos que nos parecem mais importantes. Além disso, o fato de nosso *corpus* consistir em um número bastante reduzido de romances faz com que não possamos tirar conclusões definitivas. Não obstante, este trabalho pode ser uma contribuição para o estudo da evolução da colocação pronominal na língua literária do Brasil.

Em Schei (2000a) já apresentamos algumas observações sobre a colocação pronominal em três escritores do século XIX: Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Bernardo Guimarães. A escolha desses três nos foi sugerida durante a leitura de *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* de Silva Neto, pois, segundo o autor, esses três escritores se encontravam entre aqueles que tentavam criar uma língua literária brasileira, pelo que foram "apodados de *autores incorretos, que escreviam mal*" (Silva Neto, 1986, p. 212, grifo do autor). No presente estudo aprofundamos nossa análise desses três e acrescentamos três escritores brasileiros consagrados do século XIX: Manuel Antônio de Almeida, Visconde de Taunay e Machado de Assis. Os livros escolhidos para o *corpus* são os seguintes:

- Macedo: *A Moreninha*;
- Alencar: *Lucíola*;
- Bernardo: *O garimpeiro*;
- Almeida: *Memórias de um sargento de milícias*;
- Taunay: *Inocência*;
- Machado: *Dom Casmurro*.

Nosso ponto de referência no que diz respeito à língua literária de hoje será *A colocação pronominal na língua literária contemporânea do português brasileiro* (Schei, 2000b), estudo em que foram analisados os seguintes romances, dos últimos trinta anos do século XX: *Confissões de Narciso* de Autran Dourado, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* de Rubem Fonseca, *Exílio* de Lya Luft, *Enquanto o tempo não passa* de Josué Montello, *Dôra, Doralina* de Rachel de Queiroz e *Os voluntários* de Moacyr Scliar. Para a comparação com o

PE do século XIX examinaremos três romances: *Eurico, o presbítero* de Alexandre Herculano, *Amor de perdição* de Camilo Castelo Branco e *O crime do Padre Amaro* de Eça de Queiroz.

As gramáticas da língua portuguesa costumam apresentar um modelo de colocação pronominal baseado no PE: em alguns contextos sintáticos há ênclise e em outros há próclise. Resumindo, a próclise se dá quando o verbo é precedido de negação, certos advérbios ou pronomes indefinidos, e em orações subordinadas, exclamativas, optativas e interrogativas iniciadas por palavra interrogativa. Esses contextos serão neste trabalho chamados de 'contextos de próclise' ou 'fatores de próclise'. Ainda conforme as gramáticas, a ênclise se dá nos demais casos, isto é, em oração principal ou absoluta em que o verbo inicia a oração ou vem precedido de um sujeito que não contenha nenhum fator de próclise, e em oração coordenada. Esses contextos serão doravante chamados de 'contextos neutros'. Nas locuções verbais o pronome pode ser colocado proclítico ou enclítico ao auxiliar ou enclítico ao verbo principal, e no PB usa-se também a próclise ao verbo principal.

Também no século XIII havia próclise nos contextos de próclise, enquanto a ênclise era a colocação predominante nos contextos neutros; no século XVI, porém, quando começou a colonização do Brasil, o uso da próclise tinha aumentado bastante, exceto em posição inicial (Martins, 1994). No PE houve, mais tarde, uma volta à ênclise nos contextos neutros, mas no PB a evolução para a próclise continuou, chegando a abranger até a posição inicial; hoje em dia a próclise é a colocação predominante. Estudos sobre o PB falado atual mostram que a ênclise raramente ocorre (cf., p. ex., Lobo, 1992; Galves & Abaurre, 1996); quando o pronome *o* é objeto de um infinitivo é sempre colocado depois deste, mas com exceção desse caso a ênclise ocorre principalmente em posição inicial, fenômeno este às vezes explicado pelo fato de a norma ensinada pela escola exigir a ênclise nesse contexto. Verifica-se também que na maioria dos casos com ênclise o pronome é *se*, especialmente *se* indeterminador do sujeito. Em outras palavras, ao lado do processo de

mudança que generalizou a próclise no PB houve outro processo que fez a colocação depender em parte do próprio pronome.

Na língua literária de hoje a ênclise é mais comum do que na fala, mas não há um modelo único de colocação; em Schei (2000b) constatamos que há certas diferenças entre os seis escritores analisados. No entanto, há também muitas semelhanças: nos contextos de próclise há quase sempre próclise, mas nos contextos neutros há variação entre próclise e ênclise, e a ênclise é relativamente comum em posição inicial. Observamos também que a colocação em certo grau depende do pronome: os pronomes da primeira pessoa ocorrem proclíticos com maior frequência do que os da terceira pessoa, e *o*<sup>1</sup> tem, muitas vezes, uma colocação diferente dos demais pronomes: não ocorre proclítico em posição inicial e também não ocorre proclítico ao verbo principal nas locuções verbais.

Como vimos, tanto na fala como na escrita a colocação pronominal no PB é afetada pelo próprio pronome. Esse fenômeno, junto ao fato de a posição inicial ser o contexto com maior frequência de ênclise, parece indicar que o PB passou por um processo parecido ao do espanhol quando essa língua generalizou a próclise. No século XIII o espanhol tinha aproximadamente o mesmo modelo de colocação do português, mas hoje tem próclise categórica com as formas finitas, com exceção do imperativo. A próclise geral já tinha se fixado no século XVII, mas antes disso houve um período intermediário com variação entre próclise e ênclise nos contextos neutros, e durante esse período os pronomes da primeira pessoa eram colocados proclíticos com maior frequência do que os da terceira pessoa (Nieuwenhuijsen, 1998), ou seja, o mesmo que se observa no PB atual. No espanhol do século XVI havia já próclise geral em todos os casos em que um verbo finito era precedido de algum elemento, e “el único contexto en que el PA [pronome átono] sigue posponiéndose mayoritariamente es cuando el verbo está em

<sup>1</sup> Só falamos em *o* para nos referirmos às quatro formas acusativas da terceira pessoa (*o, a, os, as*) e só usamos *lhe* para nos referirmos às duas formas *lhe* e *lhes*.

posición inicial” (Nieuwenhuijsen, 1998, p. 148). Se excluirmos a palavra ‘majoritariamente’, essa citação descreve bastante bem o PB atual. Em outras palavras, da mesma maneira do espanhol na época de transição, o último contexto do PB a generalizar a próclise é a posição inicial, e nos contextos com variação os pronomes da primeira pessoa têm maior tendência à próclise do que os da terceira. Segundo a análise funcionalista de Nieuwenhuijsen, este fenômeno se explica pelo fato de os pronomes das primeira e segunda pessoas terem referentes comunicativamente mais importantes do que os da terceira pessoa, pelo que se colocariam de preferência antes do verbo a fim de receberem maior atenção por parte do ouvinte (Nieuwenhuijsen, 1998, p. 61-2).

Também à semelhança do espanhol, o PB só pôde começar a empregar a próclise em posição inicial desde que os pronomes clíticos passaram a ser cliticizados da esquerda para a direita, já que a cliticização da direita para a esquerda, que ocorre no português antigo e no PE moderno, não permite a colocação do pronome clítico em posição inicial. Segundo Nunes (1993, p. 215), a mudança na direção da cliticização do PB deu-se por volta do começo do século XIX, o que significa que a próclise inicial começou a entrar na língua no começo do mesmo século em que os livros do nosso *corpus* foram escritos. Uma outra inovação do PB é a próclise ao verbo principal nas locuções verbais, que parece ter se dado aproximadamente na mesma época; segundo Cyrino (1993, p. 169), a próclise ao verbo principal começa a aparecer aos poucos na primeira metade do século XIX, e conforme Pagotto (1992, p. 106-7) os primeiros casos desta colocação ocorrem na segunda metade do século XVIII.

No presente trabalho apresentaremos primeiro uma descrição de alguns aspectos da colocação pronominal na literatura brasileira do século XIX, que a seguir será comparada com o PE da mesma época e o PB de hoje. Nossa análise se concentrará nas partes narrativas dos romances, entendendo por “narrativa” não só a narrativa propriamente dita, mas também trechos descritivos e disser-

tativos, ou seja, “narrativa” significa aqui o oposto de “diálogo”. Excluímos também cartas, citações de livros e jornais, etc., isto é, trechos apresentados como vindos de outra fonte que não a narrativa propriamente dita. Apesar de nos dedicarmos principalmente à narrativa, faremos também uma breve análise dos diálogos do PB do século XIX para vermos se a colocação pronominal neles difere da usada na narrativa.

Examinaremos primeiro a variação entre próclise e ênclise em alguns contextos sintáticos com formas verbais finitas e depois as formas infinitas, tanto formas simples como locuções verbais. Na seção sobre as formas finitas examinaremos em separado as formas verbais do futuro do presente e do pretérito, já que com elas não há variação entre próclise e ênclise mas entre próclise e mesóclise.

No português quinhentista todos os pronomes parecem ter sido colocados da mesma maneira (Lobo, 1992, p. 113-4) e a colocação pronominal do PE atual também é a mesma com todos os pronomes (Galves & Abaurre, 1996, p. 301), mas, como já foi dito, no PB de hoje há certas diferenças entre os pronomes. Veremos até que ponto esta mudança tinha ocorrido na língua literária do século XIX.

## 2. ANÁLISE DO CORPUS: O PB DO SÉCULO XIX

### 2.1 Formas verbais finitas

Os contextos de próclise têm tido próclise praticamente categórica em todas as épocas; o que nos interessa aqui são antes de mais nada os contextos neutros, ou seja, os contextos que hoje têm ênclise no PE e variação no PB. No entanto, examinaremos também um contexto de próclise, as orações subordinadas. Como já foi dito, em todos esses contextos analisaremos em separado as formas verbais do futuro do presente e do pretérito, uma vez que com essas formas não pode haver ênclise, mas só próclise ou mesóclise; esses casos serão comentados no fim desta seção.

Os contextos neutros examinados são: posição inicial, oração coordenada e verbo precedido de sujeito (ver exemplos 1, 2 e 3, respectivamente). Observe-se que o termo “posição inicial” abrange vários tipos de posição inicial: início de período e início de outras orações, tanto depois de vírgula como depois de dois pontos ou ponto e vírgula. Incluímos orações antecedidas de orações subordinadas, mas não orações antecedidas de advérbios ou expressões adverbiais. No grupo “oração coordenada” incluímos só orações coordenadas com *e*, que é de longe a conjunção coordenativa mais freqüente.

- (1) *Dirigiu-se* à choupana, *apeou-se* e bateu à porta. (Bernardo, p. 225)
- (2) Saiu arrebatadamente e *fechou-se* no toucador. (Alencar, p. 105)
- (3) Capitu *repetiu-os*, (Machado, p. 51)

A ênclise é quase categórica em posição inicial; a próclise ocorre apenas 10 vezes num total de 961 ocorrências. Os poucos casos de próclise ocorrem em Macedo, Alencar, Bernardo e Almeida, e nenhum dos seis autores usa próclise em início de período. Quando o verbo está em posição não-inicial, por outro lado, há vários casos de próclise; em oração coordenada *e*, mais ainda, depois de sujeito, como se vê nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1. Oração coordenada.

	Total	Próclise	Ênclise
Macedo	16	4 (25%)	12 (75%)
Alencar	44	4 (9%)	40 (91%)
Bernardo	29	8 (28%)	21 (72%)
Almeida	87	7 (8%)	80 (92%)
Taunay	40	5 (12%)	35 (88%)
Machado	109	1 (1%)	108 (99%)

Tabela 2. Verbo precedido de sujeito.

	Total	Próclise	Ênclise
Macedo	74	32 (43%)	42 (57%)
Alencar	134	46 (34%)	88 (66%)
Bernardo	62	25 (40%)	37 (60%)
Almeida	140	26 (19%)	114 (81%)
Taunay	34	3 (9%)	31 (91%)
Machado	170	15 (9%)	155 (91%)

Verifica-se que há diferenças entre os escritores: em orações coordenadas, Macedo e Bernardo usam a próclise com maior frequência dos demais, e quando o verbo é precedido de sujeito, esses dois e Alencar apresentam percentagens mais altas de próclise do que Almeida, Taunay e Machado. É provável que o número reduzido de ocorrências de próclise em Taunay e Machado seja decorrente da obediência às normas puristas do fim do século, que preferiam a ênclise, mas observe-se que nem Taunay nem Machado evitam completamente a próclise.

Vejam agora os diferentes pronomes. Dado que só os livros de Alencar e Machado são escritos na primeira pessoa, é só nesses dois autores que há não só pronomes da terceira pessoa (*o*, *lhe*, *se*) mas também da primeira pessoa (*me*, *nos*).

Tabela 3. Oração coordenada: os pronomes.

Pronome	Total	Próclise	Ênclise
<i>me</i>	64	1 (2%)	63 (98%)
<i>nos</i>	3	1 (33%)	2 (67%)
<i>o</i>	75	22 (29%)	53 (71%)
<i>lhe</i>	63	3 (5%)	60 (95%)
<i>se</i>	118	2 (2%)	116 (98%)

Tabela 4. Verbo precedido de sujeito: os pronomes.

Pronome	Total	Próclise	Ênclise
<i>me</i>	136	25 (18%)	111 (82%)
<i>nos</i>	4	2 (50%)	2 (50%)
<i>o</i>	86	50 (58%)	36 (42%)
<i>lhe</i>	102	20 (20%)	82 (80%)
<i>se</i>	279	45 (16%)	234 (84%)

Como se vê nas tabelas 3 e 4,<sup>2</sup> *o* tem maior tendência à próclise do que os demais pronomes. Parece que *nos* também tem tendência mais forte à próclise do que os demais, mas dado que há tão poucas ocorrências de *nos* nesses contextos, é difícil tirar conclusões definitivas, pelo que este pronome será deixado de lado na discussão a seguir. Contudo, como adiante veremos, *nos* é o único pronome que nunca ocorre enclítico nas orações subordinadas, o que fortalece a impressão de que também *nos*, como *o*, tem maior tendência à próclise do que os demais pronomes. Quanto a *me*, o outro pronome da primeira pessoa, observa-se que ocorre próclítico com aproximadamente a mesma frequência de *lhe* e *se*, os demais pronomes da terceira pessoa. O motivo das diferenças na frequência de próclise entre os diferentes pronomes não é, portanto, a diferença entre a primeira e a terceira pessoa mas outra coisa. Essa outra coisa poderia ser o fato de *o* se destacar dos demais pronomes por não consistir em uma consoante inicial seguida de uma vogal, mas só em uma vogal e, por conseguinte, ter menor peso fonológico. Dado que um pronome próclítico é um pouco mais enfático do que um enclítico (Câmara Jr, 1953, p. 96), é possível que a próclise seja favorecida com esse pronome para compensar sua fraqueza fonológica. Quanto aos demais pronomes da terceira pessoa, *lhe* e *se*, verifica-se que de maneira geral ocorrem próclíticos com aproximadamente a mesma frequência, mas *se* ocorre enclítico um pouco mais frequentemente. No que diz respeito a *se* indeterminador, é difícil

<sup>2</sup> Nas tabelas 3, 4 e 6 não incluímos os casos com dois pronomes, contraídos ou não, como p.ex. *mo*, *lho*, *vo-lo*, *se lhe*, etc.

dizer se tem maior tendência à ênclise; nos casos em que o verbo é precedido de sujeito não há, obviamente, nenhuma ocorrência de *se* indeterminador do sujeito, e as ocorrências em oração coordenada são muito poucas; há apenas oito casos com *se* indeterminador e todos eles têm ênclise, mas também no caso dos demais *se* a ênclise é quase categórica, ocorrendo em 98% dos casos.

Tabela 5. Oração subordinada.

	Total	Próclise	Ênclise
Macedo	195	182 (93%)	13 (7%)
Alencar	361	312 (86%)	49 (14%)
Bernardo	219	203 (93%)	16 (7%)
Almeida	508	472 (93%)	36 (7%)
Taunay	162	157 (97%)	5 (3%)
Machado	507	499 (98%)	8 (2%)

Passemos a um contexto de próclise: oração subordinada. Na tabela 5 vemos que a ênclise ocorre em todos os seis escritores e que este fenômeno é mais freqüente em Alencar do que nos demais. Conforme a gramática normativa, a ênclise em oração subordinada pode dar-se quando há palavras intercaladas entre o elemento subordinante e o verbo, e quando o subordinante é uma das conjunções *porque* ou *que* causal, consecutiva ou integrante (p. ex. "*porque*, nesse momento, *ouve-se* um grito de dor" (Macedo, p. 168)). No *corpus* verifica-se que, de fato, a ênclise é mais comum nos casos em que há palavras intercaladas, especialmente quando entre elas e o verbo há uma vírgula, mas há também, em todos menos Machado, casos de ênclise nos quais o verbo vem diretamente depois do elemento subordinante (p. ex. "*quando apareceu-lhe* o Leonardo" (Almeida, p. 152)).

Também não é só depois de conjunções causais, consecutivas e integrantes que ocorre a ênclise; no *corpus* encontramos a ênclise também em orações iniciadas por pronomes relativos (*que*, *onde*, *cujo* e *o qual*), conjunções temporais, condicionais e comparativas, e em orações clivadas. A ênclise só não ocorre depois de conjunções

concessivas, finais, conformativas e proporcionais. No caso das concessivas e finais, a próclise categórica pode ser devida ao fato de todos os casos com essas conjunções levarem o verbo no subjuntivo. Conforme Said Ali (1964, p. 210), a ênclise em oração subordinada não se dá com o verbo no subjuntivo, e nossos dados parecem confirmá-lo: a ênclise só ocorre com verbos no indicativo, apesar de 14% de todas as ocorrências de oração subordinada (269 em 1952) terem o verbo no subjuntivo. No entanto, não é impossível usar-se a ênclise com o verbo no subjuntivo; há alguns exemplos nos diálogos, e há também um caso na narrativa em um outro livro de Alencar, *Senhora*. Só podemos tirar a conclusão de que a ênclise em oração subordinada é muito rara quando o verbo está no subjuntivo.

Tabela 6. Oração subordinada: os pronomes.

Pronome	Total	Próclise	Ênclise
<i>me</i>	315	295 (94%)	20 (6%)
<i>nos</i>	47	47 (100%)	-
<i>o</i>	419	413 (99%)	6 (1%)
<i>lhe</i>	412	382 (93%)	30 (7%)
<i>se</i>	737	668 (91%)	69 (9%)

Se examinarmos os diferentes pronomes (tabela 6), verifica-se que *nos* sempre ocorre próclítico, e quanto aos demais pronomes, observamos o mesmo fenômeno dos contextos neutros: *o* é o pronome com maior freqüência de próclise. Na análise dos contextos neutros sugerimos que a forte tendência à próclise de *o* pudessem ser devida ao fato de a posição próclítica dar maior peso fonológico a esse pronome sem consoante inicial, e é interessante notar que em Taunay, que nas subordinadas coloca *o* enclítico com maior freqüência dos outros, todos os três casos de ênclise com *o* se dão com o verbo *fez*, o que resulta em *fê-lo*, ou seja, uma forma em que *o* ganha uma consoante inicial e, por conseguinte, maior peso fonológico. Quanto a *se* indeterminador, há ênclise em 4% dos casos (6 em 134), e se observarmos os demais *se* verifica-se que a ênclise ocorre em 10% dos casos (63 em 603), ou seja, a ênclise é *menos* freqüente com *se* indeterminador do que com os demais *se*.

Resumindo a questão da colocação pronominal com as formas verbais finitas, podemos constatar que a ênclise é praticamente categórica em posição inicial, mas nos contextos neutros em que o verbo é precedido da conjunção coordenativa *e* ou de um sujeito há várias ocorrências de próclise, especialmente nos casos com sujeito. Nas orações subordinadas, por outro lado, em um contexto de próclise, há vários casos com ênclise. Tanto nos contextos neutros com variação como nas orações subordinadas, a frequência da próclise varia entre os diferentes pronomes, *o* sendo o pronome que com maior frequência é colocado proclítico, talvez por ser fonologicamente mais fraco do que os demais. O pronome *nos* também tem percentagens altas de próclise, mas *me*, o outro pronome da primeira pessoa, tem aproximadamente a mesma frequência de próclise de *lhe* e *se*, ou seja, não há uma nítida diferença entre os pronomes da primeira e da terceira pessoa. Observamos também que *se* indeterminador do sujeito não ocorre enclítico com maior frequência dos demais pronomes.

Por fim, apresentamos o resultado do exame das formas verbais do futuro do presente e do pretérito, ou seja, as formas com as quais se usa a mesóclise em vez da ênclise (p. ex. “*pôr-se-ia a salvo*” (Bernardo, p. 154)). Há mais de 7000 ocorrências de pronomes clíticos na narrativa no *corpus*, mas dado que apenas 132 desses pronomes são objetos de formas do futuro do presente e do pretérito a mesóclise deve, necessariamente, ser um fenômeno relativamente raro. Além disso, das 132 formas verbais que admitem a mesóclise, a maioria ocorre em contextos de próclise, o que nos deixa apenas um número bastante reduzido de casos em que a mesóclise é possível. Esses casos encontram-se nos contextos neutros, isto é, verbo em posição inicial, em oração coordenada e depois de sujeito. Há ao todo 29 casos deste tipo e, por conseguinte, há poucos casos em cada escritor, o que dificulta a comparação entre eles. Por isso, fizemos apenas uma comparação entre a soma total de cada contexto neutro, e embora os dados sejam poucos, parece que há uma certa tendência para se evitar a mesóclise.

Na tabela 7 apresentamos a colocação nos contextos neutros, e à direita da tabela colocamos as frequências relativas da próclise nos mesmos contextos com as demais formas finitas. Não podemos tirar conclusões categóricas destes dados, mas parece que se evita a próclise em início de período com qualquer tipo de forma verbal. Nos demais contextos neutros, porém, a frequência da próclise é bem mais alta com as formas de futuro do presente e do pretérito do que com as demais formas finitas, o que indica que os escritores tendem a evitar a mesóclise desde que a alternativa não seja próclise em início de período.

Tabela 7. Os contextos neutros: formas do futuro do presente e do pretérito.

	Total	Próclise	Mesóclise	Frequência da próclise com as demais formas finitas
início de período	9	-	9 (100%)	0%
início de outra oração	11	2 (18%)	9 (82%)	2%
oração coordenada	5	3 (60%)	2 (40%)	9%
sujeito	4	4 (100%)	-	24%

## 2.2 Formas verbais infinitas

### 2.2.1 Formas simples

Dado que um particípio sozinho não pode ter um pronome clítico como objeto, as únicas formas infinitas tratadas nesta seção são gerúndio e infinitivo. Quanto ao gerúndio, verifica-se que a ênclise é predominante: a próclise ocorre só em 2% dos casos (10 em 525), e em todos os casos de próclise, exceto um, há algum fator de próclise antecedendo o gerúndio: *não*, *como que* ou um advérbio. Como já dissemos em Schei (2000b, p. 74-5), a elevada frequência da ênclise com o gerúndio simples provavelmente pode ser explicada

pelo fato de o gerúndio na maioria das vezes ocorrer em um contexto que favorece a ênclise também com formas finitas: posição inicial. Em outras palavras, o gerúndio só segue o mesmo modelo das formas finitas. Observe-se, porém, que no *corpus* há 79 casos de gerúndio precedido da conjunção coordenativa *e*, e também nesses casos há ênclise categórica, apesar de formas finitas coordenadas com *e* às vezes terem próclise.

Passando ao infinitivo simples não precedido de preposição, constatamos que aqui também a próclise é rara: ocorre em apenas 4% dos casos (6 em 150) e, como no caso do gerúndio, a próclise só se dá quando há algum fator de próclise antes do infinitivo; uma negação ou um pronome relativo. Quando, porém, o infinitivo é precedido de uma preposição, a frequência da próclise é consideravelmente maior: ocorre em 28% dos casos (135 em 490). Examinamos os diferentes pronomes e as diferentes preposições para vermos como esses dois fatores influem. Vejamos primeiro os casos com infinitivo não flexionado.

Hoje em dia, a colocação pronominal com infinitivo preposicionado é determinada pela preposição no PE e pelo pronome no PB: no PE há ênclise depois de *a* e, em geral, próclise depois das demais preposições, enquanto no PB há ênclise com o pronome *o* e próclise com os demais pronomes, com poucas exceções. Verifica-se que a língua literária brasileira do século XIX não é igual a nenhum dos modelos atuais, nem o português, nem o brasileiro; assemelha-se ao modelo lusitano por sempre empregar a ênclise com todos os pronomes depois da preposição *a* mas, ao contrário do PE atual, com as demais preposições prevalece a ênclise. Em outras palavras, até um certo ponto – ênclise categórica depois da preposição *a* – a colocação pronominal do século XIX é parecida com a portuguesa. Por outro lado, parece haver já um começo da colocação atual brasileira, que é determinada pelo pronome; se examinarmos os casos com as demais preposições, isto é, todas as preposições menos *a*, e compararmos o pronome *o* com o conjunto dos demais pronomes, constatamos que a frequência da ênclise é maior

com *o* do que com os demais pronomes, ou seja, vemos aqui o começo da colocação atual brasileira, que coloca *o* depois do infinitivo e os demais pronomes antes. Contudo, esse modelo ainda não atingiu a preposição *a*; como já foi dito, com ela a ênclise é categórica, com todos os pronomes.

Quanto aos casos de infinitivo flexionado precedido de preposição, são tão poucos (26 ao todo) que é difícil fazer uma análise mais detalhada, mas verifica-se que a próclise ocorre em 85% dos casos e, dado que o número correspondente para o conjunto das formas não flexionadas é 24%, podemos constatar que a próclise é mais freqüente quando o infinitivo preposicionado é flexionado. Acrescente-se também que, apesar de nunca haver próclise quando um infinitivo não flexionado é precedido da preposição *a*, há 3 casos de próclise depois de *a* com formas flexionadas.

### 2.2.2 Locuções verbais

Dividimos as locuções verbais em quatro tipos: auxiliar e particípio, auxiliar e gerúndio, auxiliar e infinitivo, e auxiliar com preposição e infinitivo (ver exemplos 4, 5, 6 e 7, respectivamente), designando-os com as seguintes abreviações: *aux+part*, *aux+ger*, *aux+inf* e *aux/prep+inf*. Há quatro maneiras de se colocar o pronome clítico numa locução verbal: próclise ao auxiliar, ênclise ao auxiliar, próclise ao verbo principal e ênclise ao verbo principal (ver exemplos 4, 5, 6 e 7, respectivamente), esta última variante não sendo possível na locução *aux+part*.

- (4) Lembrei-me do que Lúcia *me tinha dito* (Alencar, p. 70)
- (5) a doença *ia-lhe comendo* parte das carnes (Machado, p. 222)
- (6) *iria se arrojar* aos pés dela, (Bernardo, p. 200)
- (7) Foi Augusto quem *teve de rompê-lo*. (Macedo, p. 83)

Como locuções verbais classificamos as construções de dois verbos com o mesmo sujeito e com um pronome clítico que é objeto do verbo principal, excluindo assim locuções verbais com *se*

indeterminador, por este pronome não ser objeto de um verbo, mas símbolo de indeterminação do sujeito. As locuções verbais com *se* indeterminador se distinguem, aliás, das demais por o pronome quase sempre ser colocado antes ou depois do auxiliar conforme os mesmos princípios das formas finitas simples. Observe-se também que só levamos em consideração locuções verbais com o auxiliar numa forma finita e sem elementos intercalados entre os dois verbos.

Tabela 8. As locuções verbais.

	Total	próclise ao auxiliar	ênclise ao auxiliar	próclise ao verbo principal	ênclise ao verbo principal
<i>aux+part</i>	165	132 (80%)	32 (19%)	1 (1%)	164 (99%)
<i>aux+ger</i>	93	51 (55%)	23 (25%)	3 (3%)	16 (17%)
<i>aux+inf</i>	393	112 (28%)	4 (1%)	3 (1%)	274 (70%)
<i>aux/prep+inf</i>	151	23 (15%)	3 (2%)	11 (7%)	114 (75%)

Na tabela 8 apresentamos a colocação pronominal nos quatro tipos de locução verbal. O que salta à vista é que a próclise ao verbo principal, que hoje é a colocação predominante no PB, é muito rara: nas locuções com particípio, gerúndio e infinitivo sem preposição há pouquíssimas ocorrências, e mesmo na locução com infinitivo preposicionado, caso em que a próclise ao verbo principal é possível até no PE, essa colocação é bastante rara. Nas locuções com infinitivo, tanto em *aux+inf* como em *aux/prep+inf*, também a ênclise ao auxiliar é rara.

Vejam agora a variação entre as diferentes possibilidades de se colocar o pronome. É importante lembrar que a possibilidade de o pronome ser colocado proclítico ao auxiliar depende, em alto grau, da presença de um fator de próclise; se houver um fator de próclise, pode dar-se a próclise ao auxiliar, caso contrário, o pronome é em geral colocado em outra posição. Os casos com algum fator de próclise, doravante chamados de casos potenciais, serão examinados à parte, para vermos com que frequência a próclise ao auxiliar ocorre nesses casos. Note-se que no caso de *aux+inf* não

consideramos todos os casos com fatores de próclise como casos potenciais, mas só aqueles com os auxiliares *ir*, *vir*, *querer* e *poder*, para mais facilmente podermos comparar o *corpus* com o PB de hoje; na análise do PB literário do fim do século XX em Schei (2000b), só esses quatro auxiliares foram considerados para os casos potenciais, visto que só eles ocorriam com próclise ao auxiliar.<sup>3</sup>

Verifica-se que as locuções com particípio e gerúndio se distinguem das com infinitivo por quase sempre terem próclise ao auxiliar nos casos potenciais: em *aux+part* a próclise ocorre em 98% dos casos potenciais (124 em 127), e em *aux+ger* o número correspondente é de 91% (40 casos em 44). Por outro lado, nem todas as ocorrências de próclise ao auxiliar são provocadas por um fator de próclise; há também algumas ocorrências sem nenhum fator de próclise presente. Se calcularmos a frequência da próclise ao auxiliar em relação a todos os casos *sem* fator de próclise, verificamos que há próclise ao auxiliar em 21% dos casos de *aux+part* e em 18% dos casos de *aux+ger*. Em suma, nestas duas locuções há uma forte tendência à próclise ao auxiliar; esta colocação se dá quase sempre na presença de um fator de próclise, e mesmo sem esse fator, a próclise ao auxiliar ocorre em cerca de 20% dos casos. Quanto aos casos em que o pronome não está proclítico ao auxiliar, vê-se na tabela 8 que em *aux+part* todos, com uma única exceção, têm ênclise ao auxiliar, ou seja, nessa locução o pronome é quase sempre colocado antes ou depois do auxiliar conforme o modelo das formas finitas simples. Na locução *aux+ger*, a situação é um pouco diferente, porque aqui existe também a possibilidade de se colocar o pronome enclítico ao verbo principal. Acrescente-se que a tendência forte à próclise ao auxiliar deve ser um vestígio de um estágio anterior em que essa colocação era quase categórica; em Pagotto (1992, p. 108) verifica-se que a próclise ao auxiliar era a

<sup>3</sup> No *corpus* do presente trabalho há mais alguns auxiliares com próclise ao auxiliar: *dever*, *saber*, *costumar* e *procurar*, mas mesmo que esses auxiliares tivessem sido incluídos entre os casos potenciais, o resultado da análise quantitativa de *aux+inf* teria sido o mesmo.

posição majoritária do século XVI ao século XVIII, com ou sem fator de próclise.

Se nos voltarmos para a locução *aux+inf*, encontramos um outro modelo de colocação: há próclise ao auxiliar em apenas 54% dos casos potenciais (95 em 177), e nos casos sem fator de próclise, a próclise ao auxiliar só se dá em 2% dos casos (3 em 156). Em outras palavras, nesta locução a tendência à próclise ao auxiliar é bem mais fraca do que em *aux+part* e *aux+ger*. Quanto às outras possibilidades de colocação na locução *aux+inf*, vê-se na tabela 8 que o pronome está quase sempre enclítico ao verbo principal.

Se, por fim, examinarmos a locução *aux/prep+inf*, constatamos que a próclise ao verbo principal é mais comum do que nas demais locuções, mas mesmo assim é relativamente rara. A ênclise ao auxiliar é mais rara ainda, e as duas variantes mais comuns são, como no caso de *aux+inf*, próclise ao auxiliar e ênclise ao verbo principal. Ao calcularmos a frequência da próclise ao auxiliar nos casos potenciais na locução *aux/prep+inf*, só levamos em consideração exemplos com os auxiliares que de fato ocorrem com próclise ao auxiliar no corpus: *acabar de*, *começar a*, *estar a*, *haver de*, *ter de* e *vir a*. Nesses casos potenciais, a próclise ao auxiliar se dá em 47% dos casos, ou seja, quase com a mesma frequência que na locução *aux+inf*.

Resumindo a questão da colocação pronominal com as formas verbais infinitas, podemos constatar que com gerúndio e infinitivo simples não preposicionado a ênclise é de regra, a não ser nos poucos casos em que algum fator de próclise precede o verbo. Quando o infinitivo é preposicionado, a próclise ocorre em 28% dos casos e a colocação é em parte determinada pela preposição: com *a* há sempre ênclise, mas com as demais preposições há variação entre próclise e ênclise, esta última colocação sendo mais freqüente com o pronome *o* do que com os demais pronomes. Quanto às locuções verbais observa-se uma diferença entre *aux+part* e *aux+ger* de um lado e as locuções com infinitivo de outro lado: quando ocorre um fator de próclise, há quase sempre próclise ao auxiliar em

*aux+part* e *aux+ger*, mas em *aux+inf* e *aux/prep+inf* a próclise ao auxiliar dá-se em apenas metade dos casos. A próclise ao verbo principal, que hoje em dia é a colocação predominante no PB, é muito rara.

### 2.3 Interpolação

A interpolação – a colocação de uma palavra entre o pronome e o verbo, como em ‘porque o *não* sei’ (Almeida, p. 228) – pode dar-se na presença de um fator de próclise e com infinitivo preposicionado, e a palavra interpolada é quase sempre *não*. Calculamos a frequência da interpolação em relação aos casos em que esse fenômeno poderia se dar, e entre esses casos potenciais de interpolação incluímos todos os casos em que *não* ocorre em oração subordinada, oração interrogativa, junto com um advérbio de próclise ou com um infinitivo preposicionado. Na tabela 9 vê-se que a interpolação não ocorre em Alencar e Taunay, e que em nenhum dos demais ocorre em mais de 56% dos casos.

Tabela 9. Frequência de interpolação nos casos potenciais de interpolação.

	Total	Com interpolação	Sem interpolação
Macedo	9	5 (56%)	4 (44%)
Alencar	19	-	19 (100%)
Bernardo	16	4 (25%)	12 (75%)
Almeida	62	34 (55%)	28 (45%)
Taunay	5	-	5 (100%)
Machado	56	28 (50%)	28 (50%)

### 2.4 Narrativa vs diálogo

Antes de mais nada, queremos chamar a atenção para o fato de que um estudo aprofundado dos diálogos exigiria uma análise

mais detalhada do que a realizada dentro dos limites do presente trabalho; seria preciso levar em consideração quais são as personagens que falam, sua classe social, nível de educação, etc. Aqui, fizemos apenas uma análise quantitativa de todos os diálogos em cada livro, para vermos se há algumas diferenças marcantes entre narrativa e diálogo.

Verifica-se que não há muita diferença entre narrativa e diálogo; a diferença maior se observa no contexto neutro "verbo precedido de sujeito", caso em que a próclise é muito mais freqüente nos diálogos. Na tabela 10 vê-se a freqüência da próclise nos diálogos, e se a compararmos com a tabela 2, que mostra os dados correspondentes na narrativa, vemos que nos diálogos as percentagens alcançam o dobro ou mais. Observe-se que Machado tem uma percentagem consideravelmente mais baixa do que os demais.

Tabela 10. Verbo precedido de sujeito nos diálogos.

	Total	Próclise	Ênclise
Macedo	49	42 (86%)	7 (14%)
Alencar	51	39 (76%)	12 (24%)
Bernardo	30	25 (83%)	5 (17%)
Almeida	15	7 (47%)	8 (53%)
Taunay	46	37 (80%)	9 (20%)
Machado	16	3 (19%)	13 (81%)

O outro contexto neutro com o verbo em posição não-inicial, oração coordenada, apresenta poucos casos nos diálogos, mas verifica-se que a próclise é um pouco mais comum do que na narrativa. Quanto aos casos com o verbo em posição inicial, os diálogos são iguais à narrativa; a próclise ocorre em apenas 1% dos casos (7 em 582). Acrescente-se que nos diálogos há, ao contrário da narrativa, um exemplo de próclise em início de período: *'Me largue!'* (Almeida, p. 311).

No que diz respeito às orações subordinadas, verifica-se que a ênclise ocorre em todos menos Machado, e que ocorre com aproximadamente a mesma freqüência do que na narrativa, com a diferença

de que Alencar nos diálogos só emprega a ênclise em 2% dos casos. Também nos diálogos há ocorrências de ênclise não só com diferentes conjunções mas também com pronomes relativos, e a ênclise ocorre às vezes imediatamente depois do elemento subordinante.

Passando às formas verbais infinitas, observa-se que a colocação pronominal com as formas simples nos diálogos é a mesma da colocação na narrativa, e também para as locuções verbais vale em geral o que dissemos na seção 2.2.2. Note-se, contudo, que a próclise ao verbo principal é mais freqüente nos diálogos; se examinarmos as locuções *aux+part*, *aux+ger* e *aux+inf* em conjunto, vemos que esta colocação é usada em 10% dos casos enquanto na narrativa ocorre em apenas 1% dos casos.

Em alguns escritores há menos interpolação nos diálogos, mas em outros há mais, e nos diálogos todos usam interpolação, até Alencar e Taunay, que na narrativa nunca a empregam. Verifica-se também que nos diálogos não é só *não* que é interpolado; há também dois casos com um pronome reto interpolado (p. ex. "no mesmo espelho em que se *elas* miram" (Macedo, p. 157)).

### 3. PB SÉCULO XIX VS PE SÉCULO XIX

Dado que houve muita crítica para com os escritores brasileiros do século XIX que usavam um português "errado", ou seja, brasileiro, convém detectar quais são, exatamente, esses "erros". Em outras palavras, quais são as diferenças entre o PB literário daquela época em comparação com o PE literário, o modelo considerado a norma pelos puristas? Baseamos a seguinte exposição nos três romances portugueses já apresentados na seção 1. Note-se que a comparação a seguir só levará em consideração a narrativa.

De maneira geral, as duas modalidades são muito parecidas, mas há algumas diferenças. Primeiro, no PB se usa mais freqüentemente a próclise nos contextos neutros em que o verbo é precedido de *e* ou de sujeito. No PE a ênclise é praticamente categórica nas

orações coordenadas; há uma única ocorrência de próclise num total de 173, enquanto no PB a próclise ocorre em 9% dos casos. Quanto ao contexto neutro com sujeito, verifica-se que há certas diferenças entre os três escritores portugueses: em Eça a próclise é praticamente ausente (há um único caso em 399), mas em Camilo a próclise ocorre em 3% dos casos e em Herculano em 15%, ou seja, neste último a próclise é até mais freqüente do que em Taunay e Machado (cf. tabela 2). A ênclise quase categórica que se observa em Eça é a colocação portuguesa de hoje, enquanto os casos de próclise em Camilo e Herculano são o último vestígio de um modelo anterior de colocação no PE; em Salvi (1990, p. 199) verifica-se que nos séculos XVI-XVIII a próclise era majoritária nesse contexto mas que a ênclise se fixou durante o século XIX. Embora Herculano se assemelhe aos brasileiros no que diz respeito à freqüência de próclise depois de sujeito, não coloca o pronome *o* proclítico com freqüência muito maior dos demais pronomes; as freqüências relativas de próclise de *o*, *lhe* e *se* são 22%, 21%, e 8%, respectivamente.

Segundo, a colocação pronominal em oração subordinada no PB difere da do PE de várias maneiras: não só a ênclise é mais freqüente no PB, mas além disso há no PB ênclise em casos nos quais o elemento subordinante vem imediatamente antes do verbo, o que não acontece no PE. Quanto aos tipos de oração subordinada em que a ênclise se dá, é difícil saber o que é possível no PE, dado que há tão poucas ocorrências de ênclise; em Herculano não há nenhuma, em Camilo só uma e em Eça nove, ou seja, há apenas dez casos de ênclise num total de 1174 orações subordinadas (0,9% dos casos). Podemos constatar que não há nenhum caso de ênclise em oração iniciada por pronome relativo e que os casos de ênclise ocorrem com conjunções causais, consecutivas, integrantes e em uma oração clivada. Se este material é representativo do PE, conclui-se que no PE há um número mais reduzido de tipos de orações subordinadas em que a ênclise pode dar-se do que no PB, em que a ênclise ocorre também com pronomes relativos e conjunções temporais, condicionais e comparativas. Convém, no entanto, acrescentar que em uma nota

do prólogo de *Eurico*, que não foi incluído na nossa análise, há um caso de ênclise com a conjunção temporal *enquanto*, aliás o mesmo exemplo considerado uma exceção por Said Ali (1964, p. 211).

Há também algumas diferenças que dizem respeito às formas infinitas: tanto no PB como no PE a ênclise é de regra quando um infinitivo simples é precedido da preposição *a*, mas com as demais preposições o PB usa a ênclise na maioria dos casos, enquanto no PE a próclise é a colocação preferida. Quanto às locuções verbais, há no PB algumas ocorrências de próclise ao verbo principal nas locuções *aux + part*, *aux + ger* e *aux + inf*, colocação esta que não ocorre no PE; na variante europeia é só na locução *aux/prep + inf* que um pronome pode ser colocado proclítico ao verbo principal. A próclise ao auxiliar ocorre com aproximadamente a mesma freqüência no PE como no PB.

No que diz respeito à interpolação, há no PE uma diferença entre Herculano e Eça de um lado e Camilo do outro: em Herculano e Eça, a interpolação dá-se em 43% e 41% dos casos potenciais, respectivamente, mas em Camilo o número correspondente é de 87%. Além disso, há em Camilo oito casos de interpolação de um pronome reto enquanto os outros dois só interpolam *não*. Como vimos na tabela 9, há alguns escritores no *corpus* brasileiro que nunca empregam a interpolação, mas há também os que a empregam até com maior freqüência do de Herculano e Eça: em Macedo, Almeida e Machado a interpolação ocorre em 56%, 55% e 50% dos casos potenciais, respectivamente. Se, por outro lado, compararmos os brasileiros com Camilo, verifica-se que neste último a interpolação é bem mais freqüente.

Em suma, a colocação pronominal do PB literário do século XIX não difere muito da do PE da mesma época. As maiores diferenças são uma maior freqüência de próclise nos contextos neutros com o verbo em posição não-inicial e mais casos de ênclise em oração subordinada no PB, assim como o fato de a próclise ao verbo principal nas locuções verbais *aux + part*, *aux + ger* e *aux + inf* só ocorrer no PB, ainda que raramente.

#### 4. PB SÉCULO XIX VS PB SÉCULO XX

Também nesta seção só trataremos da narrativa, dado que Schei (2000b), o estudo em que nos baseamos quanto ao PB dos últimos trinta anos, não considera os diálogos.

Uma das diferenças maiores entre o PB oitocentista e o PB de hoje se encontra nos contextos neutros, nos quais o uso da próclise aumentou consideravelmente desde o século XIX, se bem que no século XX se observem certas diferenças entre os escritores analisados; há escritores que nunca ou muito raramente usam a próclise em posição inicial, mas outros há que empregam a próclise em mais de metade dos casos nessa posição. Em oração coordenada a próclise ocorre em 72% dos casos e depois do sujeito em 80% dos casos, enquanto os números correspondentes no século XIX são 9% e 24%, respectivamente.

No que diz respeito às orações subordinadas, podemos notar que a ênclise é muito rara no século XX; ocorre em apenas 0,6% dos casos, enquanto no século XIX ocorre em 6% dos casos. No entanto, há também semelhanças entre as duas épocas: a ênclise continua sendo mais freqüente quando o verbo se encontra afastado do elemento subordinante, especialmente quando os elementos intercalados são delimitados por vírgulas, e também no século XX a ênclise ocorre depois de pronomes relativos, conjunções causais, consecutivas, integrantes e temporais.

Com gerúndio simples a próclise é mais freqüente hoje do que no século XIX, o que no fundo só parece refletir a mesma evolução das formas finitas; os escritores que usam próclise com as formas finitas em posição inicial também o fazem com gerúndio em posição inicial, ainda que em menor grau. A colocação com o infinitivo preposicionado passou por uma mudança radical, já que no século XX a colocação não depende mais da preposição, mas do pronome: independentemente da preposição, *o* é colocado depois e os demais pronomes antes do infinitivo, com poucas exceções.

Quanto às locuções verbais há uma grande diferença: a próclise ao verbo principal, que no século XIX era muito rara, hoje é a colocação predominante. Outra diferença marcante é que hoje em dia a próclise ao auxiliar é muito mais rara mas, como no século XIX, é mais freqüente em *aux+part* e *aux+ger* do que em *aux+inf*: no século XIX a freqüência da próclise ao auxiliar nos casos potenciais era 98% em *aux+part*, 91% em *aux+ger* e 54% em *aux+inf*, mas no século XX os números correspondentes são 66%, 28% e 11%, respectivamente. Em *aux/prep+inf* a próclise ao auxiliar ocorre em 47% dos casos potenciais no século XIX, mas no século XX essa colocação quase não existe, ocorrendo uma única vez no material analisado.

Se examinarmos os diferentes pronomes no século XX, verifica-se que nos contextos neutros os da primeira pessoa, *me* e *nos*, ocorrem proclíticos com maior freqüência do que os da terceira pessoa, ou seja, ao contrário do que acontece no século XIX, *o* não tem maior tendência à próclise do que os demais pronomes. A mesóclise é muito rara no século XX, e a interpolação também quase não ocorre; apesar de haver 122 casos em que a interpolação poderia se dar, há apenas três ocorrências. Também no século XIX os escritores parecem evitar a mesóclise, mas quanto à interpolação vimos que em vários escritores oitocentistas esse fenômeno é bastante comum.

Concluindo, há muitas diferenças entre o século XIX e o século XX. Quanto às semelhanças, constatamos que a próclise quando um verbo finito é precedido de *e* ou de um sujeito e a próclise ao verbo principal nas locuções verbais, dois fenômenos muito freqüentes no século XX, ocorrem também no século XIX, embora esses fenômenos sejam muito mais raros na literatura oitocentista. Além disso, tanto no século XIX como no século XX, a próclise ao auxiliar é mais freqüente em *aux+part* do que em *aux+ger* e mais freqüente em *aux+ger* do que em *aux+inf*.

## 5. CONCLUSÃO

A colocação pronominal na língua literária brasileira do século XIX já apresenta algumas das características do PB de hoje: nos contextos neutros em que o verbo é precedido de *e* ou de um sujeito há às vezes próclise, e há alguns casos de próclise ao verbo principal nas locuções verbais. No entanto, esses fenômenos ocorrem em escala muito modesta em comparação com o PB atual e, em muitos casos, a colocação pronominal na literatura oitocentista é bem diferente da de hoje; por exemplo, a próclise em posição inicial é raríssima, os princípios que determinam a colocação com infinitivo preposicionado são diferentes, e a próclise ao auxiliar nas locuções verbais é muito mais freqüente do que hoje.

No que diz respeito aos pronomes há também diferenças: enquanto hoje os pronomes da primeira pessoa ocorrem proclíticos com maior freqüência do que os da terceira pessoa, no século XIX é o pronome *o* (e talvez *nos*) que tem a maior tendência à próclise.

Em alguns contextos há certas diferenças entre os escritores do século XIX, mas de maneira geral todos eles usam a mesma colocação pronominal.

Nos romances brasileiros do século XIX, a colocação pronominal nos diálogos é quase idêntica à da narrativa, mas notamos também alguns traços nos diálogos que os aproximam um pouco mais do PB atual: quando o verbo vem precedido de sujeito a freqüência de próclise é maior, e a próclise ao verbo principal nas locuções verbais é também mais freqüente.

A comparação entre o PB do século XIX e o PE da mesma época mostra que as duas modalidades são muito parecidas. As diferenças são poucas: no PB, a próclise é mais freqüente com verbo precedido de *e* ou de sujeito, e a ênclise é mais freqüente nas orações subordinadas. Verifica-se também que o PE nunca emprega a próclise ao verbo principal nas locuções verbais *aux + part*, *aux + ger* e *aux + inf*, mas essa colocação já aparece no PB, ainda que raramente.

Em resumo, apesar de a colocação pronominal na língua literária brasileira do século XIX já apresentar alguns traços típicos do PB do final do século XX, as diferenças são grandes, e o PB oitocentista se assemelha mais ao PE da mesma época do que ao PB de hoje.

## BIBLIOGRAFIA

### Obras citadas

- CÂMARA JR., J. M. (1953) *Contribuição à estilística portuguesa*. 2. ed. ampliada. Rio de Janeiro, Edições da "Organização Simões".
- CYRINO, S. M. L. (1993) Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 163-81.
- GALVES, C.; ABAURRE, M. B. M. (1996) Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do português falado, vol IV*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 273-319.
- LOBO, T. (1992) *A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto*. Dissertação de mestrado. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MARTINS, A. M. (1994) *Clíticos na história do português*. Tese de doutorado. Lisboa, Universidade de Lisboa.
- NIEUWENHUIJSEN, D. (1998) *Cambios en la colocación de los pronombres átonos en la historia del español*. Tese de Doutorado. Amsterdam, Thesis Publishers.
- NUNES, J. M. (1993) Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 207-22.
- PAGOTTO, E. G. (1992) *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP.
- SAID ALI, M. (1964) *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- SALVI, G. (1990) La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica. *Medioevo Romanzo*, XV(2), p. 177-210.
- SCHEI, A. (2000a) A colocação pronominal em Macedo, Alencar e Guimarães; "autores incorretos, que escreviam mal". Comunicação apresentada ao *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, Évora, 8-13 maio 2000.
- \_\_\_\_\_. (2000b) *A colocação pronominal na língua literária contemporânea do português brasileiro*. Tese de doutorado. Estocolmo, Akademitryck.

SILVA NETO, S. da (1986) *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro, Presença.

#### Obras examinadas

ALENCAR, J. de (1953) *Lucíola*, reprodução da 3ª edição, revista pelo autor. In ALENCAR, J. de *Lucíola; Diva*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio. [1862]

ALMEIDA, M. A. de (2000) *Memórias de um sargento de milícias*, fixação de texto de Mamede Mustafa Jarouche. Cotia, Ateliê Editorial. [1854-1855]

ASSIS, M. de (1988) *Dom Casmurro*, edição do texto de Ivan Teixeira. São Paulo, Martins Fontes. [1899]

BRANCO, C. C. (1983) *Amor de perdição*, de acordo com a 5ª edição, revista pelo autor. Lisboa, Editorial Comunicação. [1862]

GUIMARÃES, B. (1872) *O Garimpeiro*. Rio de Janeiro, B.L. Garnier. [1872]

HERCULANO, A. (1944) *Eurico, o presbítero*, edição crítica. Lisboa, Livraria Bertrand. [1844]

MACEDO, J. M. de (1997) *A Moreninha*, edição crítica de Tânia Serra. Rio de Janeiro, Lacerda Ed. [1844]

QUEIROZ, E. de (s.d.) *O crime do Padre Amaro*, de acordo com a edição de 1880, revista pelo autor. Lisboa, Livros do Brasil. [1875]

TAUNAY, A. d'E. (1896) *Inocência*. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Laemmert & C. [1872]

**ABSTRACT:** This paper describes some aspects of clitic pronoun placement in 19<sup>th</sup> century literary Brazilian Portuguese. This description is then compared with today's Brazilian Portuguese and 19<sup>th</sup> century European Portuguese. We find that the clitic pronoun placement of 19<sup>th</sup> century Brazilian literature shows more resemblance to European Portuguese than to the Brazilian Portuguese of the late 20<sup>th</sup> century.

**Keywords:** clitic pronoun placement, literary language, 19<sup>th</sup> century.